

Ping Fu
com MeiMei Fox

A TEORIA DO BAMBU

Como a resiliência e a coragem
me tornaram CEO de uma grande
empresa de tecnologia

TRADUÇÃO
André Fontenelle



Copyright © Ping Fu, 2012

A Portfolio-Penguin é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

PORTFOLIO and the pictorial representation of the javalin thrower are trademarks of Penguin Group (USA) Inc. and are used under license. PENGUIN is a trademark of Penguin Books Limited and is used under licence.

TÍTULO ORIGINAL Bend, Not Break: A Life in Two Worlds

CAPA Fernando Naigeborin

FOTO DE CAPA Jakkrit Nopjinda/ Shutterstock.com

PROJETO GRÁFICO Mateus Valadares

PREPARAÇÃO Juliana Moreira

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fu, Ping

A teoria do bambu : Como a resiliência e a coragem me tornaram CEO de uma grande empresa de tecnologia / Ping Fu, com MeiMei Fox ; tradução André Fontenelle. — 1ª ed. — São Paulo : Portfolio-Penguin, 2013.

Título original: Bend, Not Break: A Life in Two Worlds.

ISBN 978-85-63560-70-4

1. Cientistas da computação - Estados Unidos - Biografia 2. China - História - Revolução Cultural, 1966-1976 - Narrativas pessoais
3. Fu, Ping, 1958- 4. Geomagic (Empresa) 5. Mulheres americanas de origem chinesa - Biografia 6. Mulheres de negócios - Estados Unidos - Biografia 7. Resiliência (Traço de personalidade) I. Fox, MeiMei. II. Título.

13-03916

CDD-004.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres americanas de origem chinesa : Mulheres de negócios : Cientistas da computação : Biografia 004.092

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.portfolio-penguin.com.br

atendimentoao leitor@portfoliopenguin.com.br

SUMÁRIO

Nota da autora 9

1. Os três amigos do inverno 11
2. Atrás de toda porta fechada há um espaço livre 42
3. Eu tenho valor 76
4. O sangue é mais espesso que a água 108
5. Todo alguém é alguém 136
6. Quem decide o bem e o mal? 164
7. Estratégia nº 1: Recuar 191
8. A vida é uma cordilheira 225

Epílogo. O mundo não é plano: é 3D 251

Agradecimentos 262

1

Os três amigos do inverno

Recém-saída do avião: 1984

QUANDO EU TINHA 25 ANOS, o governo chinês me deportou em segredo. Deixar minha pátria era algo que me assustava. Mas a alternativa era o exílio em algum lugar remoto da China — ou coisa pior.

Em 14 de janeiro de 1984, meus pais, tios e tias, primos e familiares se encontraram no Aeroporto Internacional de Xangai para me pôr no avião para San Francisco. Jamais esquecerei aquela tarde fria e úmida.

Quando chegou a hora do embarque, minha família formou uma rodinha em frente ao posto de verificação de passaportes. Estávamos meio sem jeito, não conseguíamos nos olhar nos olhos. Jogamos conversa fora sobre o tempo, sobre nossas roupas e sobre o jantar de despedida em minha homenagem, na véspera. Falávamos sobre qualquer coisa que evitasse pensar em nossa separação iminente.

Depois de um instante de hesitação, minha mãe de Xangai, a mulher que me criou, tocou no assunto que estava na cabeça de todos. “Ping-Ping”, disse ela, gaguejando ao me chamar pelo apelido que eu tinha desde pequena, “fiz uma comida para você não ficar com fome. O voo é longo.” Tremendo da cabeça aos pés, ela abriu a bolsa e me deu uma marmita, ainda quente. Abri um canto do papel-alumínio e cheirei. O aroma doce e forte do pato ao molho de soja flutuou até minhas nari-

nas, como uma lembrança da minha infância feliz em Xangai. Estendi a mão e segurei a dela, apertando-a carinhosamente.

Olhei ao redor. Quase todo mundo estava chorando. Minha irmã caçula, Hong, puxou minha camisa para enxugar as lágrimas do rosto, igualzinho ao que fazia quando era pequena. Não consegui balbuciar sequer uma palavra de conforto, porque achei que ia soluçar de tristeza se tentasse.

Só meu pai e minha mãe de Nanjing, meus pais biológicos, seguraram o choro. “Vai dar tudo certo, Ping-Ping”, disse minha mãe, depois de limpar a garganta. “Sei que você vai conseguir, aconteça o que acontecer.”

Esperei até o último instante para ir embora. “Está na hora”, eu disse, fazendo força para evitar que minha voz me traísse. Meus parentes começaram a chorar como se chora em enterros, como se eu estivesse deixando suas vidas para sempre. Sabiam que, como eu tinha problemas com as autoridades, talvez nunca mais nos víssemos, talvez nem mesmo voltássemos a nos falar. Decidida, desci a rampa sem chorar, me afastando de tudo que eu já conheceria em minha vida.

Ao me sentar no avião, senti o sopro da ventilação em minha testa. Pensei: aquele era meu primeiro contato com um ar-condicionado. Eu nunca tinha viajado de avião, apesar de ter passado a maior parte da infância escorregando nas asas de aviões em um campo de pouso abandonado, sonhando me tornar astronauta. Nunca tinha viajado para fora da China. O mais longe que tinha ido, a partir de minha cidade natal, Nanjing, fora até a Universidade de Suzhou, onde estudei jornalismo e literatura. Mas não era por isso que a viagem que eu tinha pela frente me deixava apreensiva. Eu já não era bem-vinda em minha pátria, por conta do que eu escrevera e de outras atividades. Mas eu sabia muito pouca coisa sobre os Estados Unidos. Não tinha um lar, não tinha amigos, não tinha ideia do que me aguardava. Não tinha um único dólar no bolso. Não sabia nada além de três palavras em inglês.

Quando já estávamos no ar, a aeromoça se aproximou de mim, empurrando um carrinho. Era uma americana loura de olhos azuis e sorriso simpático. Ela me perguntou em inglês se eu queria comer ou beber alguma coisa. Não entendi. Só sabia dizer “Hello”, “Thank you”

e “Help”, mas adivinhei o que ela queria dizer. Supondo que o lanche fosse cobrado, disse não com um gesto, e segurei com mais força a marmita que minha mãe de Xangai tinha mandado. Então aponte para os guardanapos de papel empilhados na parte de cima do carrinho. Sem dizer uma palavra, a aeromoça me deu um monte deles.

Durante horas a fio, rabisquei caracteres chineses naqueles pequenos quadrados de papel, alinhando-os em minha mesinha, como se fossem bandeirinhas da paz. Eu não estava escrevendo para ninguém. Desde pequena, fazer um diário sempre me confortou. O ato de registrar meus pensamentos me dava a ilusão de estar conversando com um amigo de confiança. Mas a verdade é que agora eu não tinha mais ninguém.

Aterrissei em San Francisco catorze horas depois, sofrendo com o fuso horário e o desgaste emocional. O aeroporto me assustou. De tão limpo, brilhava como uma joia, com suas janelas de vários andares de altura.

Assim que passei pela alfândega, procurei o balcão de conexões. Meu destino era Albuquerque, Novo México, onde eu havia me inscrito para estudar inglês na universidade. Embora eu tivesse oitenta dólares em cheques de viagem para pagar pela conexão, os funcionários da companhia aérea não aceitaram emitir a passagem. Não entendi por que, se aquele era o preço informado no check-in em Xangai.

Bendita San Francisco! Atrás do balcão havia uma funcionária que falava mandarim e entendeu meu problema. Na China, o governo fixa os preços, por isso é raro que uma passagem mude de valor. Mas nos Estados Unidos os preços mudam o tempo todo, ela explicou. “O preço da passagem aumentou depois que você saiu de Xangai. Faltam cinco dólares.”

Eu não tinha cinco dólares, nem cartão de crédito, nem o número de telefone de alguém que pudesse me ajudar. Enquanto eu esperava em silêncio, sem saber o que fazer, um americano atrás de mim na fila perguntou o que estava acontecendo. Quando a funcionária explicou minha situação, ele tirou da carteira uma nota de cinco dólares.

“Tome aqui”, disse ele, com um sorriso tranquilo. A funcionária traduziu o que ele disse.

“Thank you”, respondi em inglês, surpresa pela cortesia de um es-

tranho. Seu gesto podia não ter muita importância para ele, mas para mim significou tudo. Minha primeira impressão dos americanos — impressão que dura até hoje — foi de que eles eram um povo generoso e acolhedor. Essa experiência me ensinou uma lição de vida: “Na dúvida, peque por generosidade”. É um valor que guardo vivo em meu coração desde então.

Quando cheguei a Albuquerque, mais uma vez me vi sem recursos. Meu pai me dissera para procurar pelo sr. Sheng, um ex-aluno dele que estava estudando na Universidade do Novo México e havia me ajudado a conseguir uma vaga lá. Liguei a cobrar para ele várias vezes, mas ninguém atendia. Aguardei, na esperança de que em algum momento meu único contato nos Estados Unidos atendesse. Eu não tinha mais a quem recorrer (só depois soube que o sr. Sheng tinha se formado algumas semanas antes da minha chegada, e que estava viajando pelos Estados Unidos antes de voltar à China).

Sentada na calçada, em frente ao setor de bagagens, com minha única mala — grande e meio arrebitada — eu assistia ao ir e vir dos carros. O clique dos porta-malas se abrindo me irritava. Ninguém parecia notar minha presença: todo mundo estava ocupado em ir embora do aeroporto, ou chegando para buscar seus entes queridos. Lembrei-me de quando, com apenas oito anos, cheguei sozinha à estação de trem de Nanjing, vinda de Xangai. O sentimento de solidão voltou com força, e comecei a chorar.

Um carro parou perto de mim logo em seguida. Quando ergui os olhos cheios de lágrimas, vi um chinês no banco do motorista. Ele baixou o vidro lentamente.

“Precisa de ajuda?”, perguntou o homem, num mandarim com sotaque forte, cuja origem eu não consegui determinar. Sim, eu disse, precisava de uma carona até o campus da Universidade do Novo México. “Entre”, ele disse, acenando para o banco do passageiro. “Eu te levo até lá.”

Outro americano generoso! E não era só isso: havia gente que falava chinês em toda parte. Que sorte incrível a minha!

O carro detonado atravessou uma planície deserta, vasta e triste, que lembrava uma paisagem pós-apocalíptica. O pouco que eu sabia dos Estados Unidos tinha chegado até mim apenas pela tv estatal chinesa, a que eu assistia de vez em quando, me acotovelando com vizinhos e colegas de escola diante de algum aparelho preto e branco. O que eu mais sabia é que os americanos eram fregueses dos chineses no pingue-pongue. Mesmo assim, eu esperava morar em uma cidade parecida com as metrópoles superpopulosas onde eu cresci, Nanjing e Xangai. Não em um lugar como aquele.

“Você se importa se dermos um pulo em minha casa?”, o homem perguntou. “Preciso dar uma olhada em meus filhos antes de deixá-la na universidade.”

Concordei. Em poucos minutos, entramos no centro de Albuquerque, cujos conjuntos habitacionais amontoados, todos idênticos, não eram muito diferentes dos de Nanjing. Finalmente, algo que parecia familiar. Mas, ao contrário de qualquer centro urbano chinês, as ruas estavam vazias. As únicas pessoas que vi eram mendigos com sacos de dormir imundos e cartazes que pareciam indicar que eles, ou seus filhos, estavam à venda. Comecei a batucar os dedos no joelho, nervosa. O homem parou em frente a um prédio de apartamentos, com janelas grandes protegidas por grades de metal. Parecia uma prisão chinesa. Depois soube que era um alojamento para refugiados, subsidiado pelo governo, e que o homem era um vietnamita de ascendência chinesa.

“Entre um minutinho para conhecer meus filhos”, propôs o homem.

Desci do carro e o segui. Embora o entorno me incomodasse um pouco, não tinha motivo para suspeitar de nada. Ele parecia um pai carinhoso e tinha sido tão gentil comigo!

Assim que entrei no apartamento, ele me ofereceu biscoitos e balbuciou: “Minha mulher acabou de me deixar. Preciso de alguém para cuidar dos meus filhos durante algumas horas, porque eu preciso trabalhar”. Então, saiu correndo do minúsculo apartamento. Pude ouvir quando ele trancou a porta da frente, pelo lado de fora, com um cadeado.

Virei-me e vi dois meninos, de três e quatro anos talvez, e uma bebezinha de olhos grandes e lacrimosos. Eles me olhavam, estáticos, com as mãos estendidas, pedindo atenção mas sem coragem de se aproximar.

“Mama, mama!”, gritavam. “Mama” quer dizer “mãe” em chinês, assim como na maior parte do mundo.

“Não, não, eu não sou a mãe de vocês”, eu disse, em mandarim. Mas eles não entenderam.

“Mama, mama”, continuaram a dizer, em uníssono, gritando.

Num momento de desespero, ignorei as crianças e corri os olhos pelo apartamento caindo aos pedaços, procurando uma porta dos fundos ou uma janela por cujas grades eu pudesse escapar — qualquer chance de fugir. Nada. Nem mesmo um telefone. E mesmo que houvesse, eu não saberia ligar para a emergência. Eu era uma prisioneira.

O estresse dos dias anteriores veio de uma só vez e me joguei no piso frio de concreto da sala. Meu corpo parecia congelado. Só conseguia ouvir meu coração batendo forte. Parecia que as paredes cinzentas estavam se fechando em torno de mim. Os rostos das crianças se esvaneciam. Achei que eu fosse desmaiar.

Foi então que a bebezinha chegou até mim e segurou minha mão. Aproximou o rostinho do meu, com seus olhos inocentes e a pele macia como farinha bem fina. Eu tinha muita experiência em cuidar de crianças. Então, reuni todas as minhas forças para cuidar daquelas três. Distribuí os biscoitos, lavei suas carinhas sujas e as deixei brincar de cavalinho em minhas costas, como eu gostava de fazer quando era criança. Na hora que me sentia esgotada, eu caía no chão. Elas riam e gritavam palavras estranhas. Pouco importava que eu não entendesse nada. Adivinhava que elas queriam brincar de novo, de novo, e de novo.

As horas passaram e o céu ficou escuro, mas o pai das crianças não voltava. Eu me perguntava quanto tempo eu continuaria refém, rezando para que o homem estivesse fazendo serão e não fosse demorar. Pus as crianças para dormir no quarto, que tinha uma cama só. A sala e a cozinha formavam um único cômodo. Perto da mesa de jantar havia duas cadeiras e um banco de madeira. Nenhum sofá. Cansada demais para me preocupar, acabei passando minha primeira noite nos Estados Unidos do mesmo jeito que passei muitas na China: dormindo no chão frio de concreto, exausta, faminta, triste.

Na manhã seguinte, as crianças acabaram rapidamente com os biscoitos. Os dois meninos começaram a ficar nervosos, chorando e

batendo em suas barriguinhas. Achei um pacote de macarrão e queijo nos armários quase vazios do apartamento, mas não tinha ideia de como se fazia para cozinhar. Pus a massa para ferver, e comemos assim mesmo, sem o queijo ralado, pois não consegui romper a embalagem de alumínio.

No meio da manhã, sem sinal algum do retorno do pai, comecei a me perguntar se havia acontecido algo a ele. Através de uma janela gradeada aberta, comecei a gritar uma das poucas palavras em inglês que eu conhecia: “Help!”. As crianças começaram a gritar comigo, achando que fosse mais uma brincadeira. Mas quem passava na rua — e não eram muitos — não deu importância.

Tentei de novo no dia seguinte. A cada hora minha voz ficava mais alta e mais desesperada, à medida que nossa fome aumentava e eu perdia a esperança de que meu raptor voltasse para nos libertar.

Por fim, no terceiro dia, ouvimos gritos bem do lado de fora, seguidos de pancadas na porta do apartamento. “Help, help!”, gritei. Instantes depois, a polícia arrombou a porta. Um vizinho tinha, finalmente, nos ouvido gritar e chamou os policiais. Eles nos puseram numa viatura acolchoada e nos levaram até a delegacia, no centro de Albuquerque.

Assim que encontraram um intérprete de chinês, dois policiais corpulentos começaram a me interrogar. “Você conhece o sequestrador? Por que entrou no carro de um estranho? Como foi parar dentro da casa dele? Quem podemos chamar para cuidar das crianças? Tem algum parente ou amigo que possamos entrar em contato para confirmar sua identidade? O homem machucou você?”

Dei respostas meio sem sentido, como uma histérica. Além da falta de sono e de comida, eu sempre suspeitava de autoridades. Na China, ninguém confiava na polícia, e ninguém queria ver o próprio nome em documentos oficiais — o que quase sempre significava encrenca para o resto da vida. Pensei: agora o governo americano me considerava uma criminosa? Eu ia ser punida? O governo chinês ia ficar sabendo que eu me meti em confusão já no meu primeiro dia nos Estados Unidos? Se isso acontecesse, eles iriam atrás da minha família para se vingar?

A polícia tentou me convencer a entrar com uma ação contra o vietnamita por cárcere privado. Eu recusei. Implorei para que apenas me

libertassem. Por fim, eles desistiram e ligaram em meu nome para a universidade. Pediram indicação do lugar aonde me levar no campus: o Centro de Estudantes Estrangeiros.

Cheguei à Universidade do Novo México numa viatura de polícia.

Embora eu estivesse decidida a deixar a China para trás, esses dias de cativo assim que cheguei aos Estados Unidos trouxeram de volta memórias dolorosas da juventude. Memórias que eu fizera força para esquecer.

Mãe: 1966

Quando eu era pequena, achava que as libélulas tinham decidido pairar bem em cima do jardim de minha família porque gostavam de admirar sua beleza. Eu era a caçulinha da família, vários anos mais jovem que minha irmã e meus quatro irmãos. Morávamos juntos em uma enorme casa, em Xangai, com nossos pais, que eu chamava de mamãe e papai de Xangai. Gostávamos de caçar com redes as magníficas libélulas vermelho-alaranjadas. Comparávamos as cores das asas e discutíamos qual era a mais bonita.

Para mim, Xangai era o centro do mundo, em parte por causa dos mapas históricos do meu avô, em que estavam impressos os nomes das inúmeras empresas de transporte marítimo que partiam do Bund,* em parte por causa da própria dimensão da cidade e de seu tráfego, e em parte porque era o único lar que eu conhecia. Vivíamos em uma avenida arborizada, em um bairro de “pequenas mansões”, construído por empresários do início do século xx, quando Xangai era conhecida como “a Paris do Oriente”.

Nossa casa era tranquila e não muito chamativa, um casarão de três andares, dividido em três seções. Havia ainda um jardim com um portão que dava para a rua principal do bairro. Em volta do conjunto, um muro decorado com uma cerca de ferro ornamentada protegia nossa casa do imprevisível mundo exterior.

* Nome pelo qual é conhecida a zona portuária de Xangai. (N. T.)

Varandas de pedra e ferro forjado trabalhado à mão decoravam a fachada sul, deixando entrar luz e calor nos dias quentes e proporcionando uma vista panorâmica. Dali era possível captar algo sobre a China do início dos anos 1960: no horizonte, via-se a imponente sede da Sociedade de Amizade Soviética, em meio às lojas e aos escritórios ao longo da famosa Avenida Nanjing. As reformas mais radicais do presidente Mao ainda iriam chegar àquela que era, então, a mais cosmopolita das cidades chinesas; havia até mesmo um alfaiate de Hong Kong que costurava os ternos ocidentais que meus irmãos usavam na escola. O bonde 24 passava ali perto, e eu e minha família o pegávamos com frequência rumo ao coração da cidade antiga, cercados por um enxame de ciclistas indo e vindo trabalhar ou estudar. No caminho, passávamos por antigos bazares e víamos velhinhas vendendo flores na rua.

Na frente de nossa casa havia um pátio chinês tradicional, com uma fonte de onde saía água potável e cristalina. No quintal, um jardim agradável coberto de flores exóticas, pagodes de madeira e trilhas sinuosas de pedra despertavam nossa imaginação. Esse era o arboreto de meu pai, uma versão modesta das paisagens simbólicas criadas séculos antes pela elite instruída da China, lugares de contemplação e busca da serenidade, num tempo em que a Europa ainda estava na idade das trevas. Papai de Xangai me ensinou que o jardim tinha plantas para cada estação, e que havia uma razão para cada planta existir.

“O inverno tem três amigos: o pinheiro, a flor da ameixeira e o bambu”, disse-me ele certa vez. “Os pinheiros são fortes. Eles permanecem verdes e alegres o ano inteiro. Suportam imperturbáveis o calor insuportável do verão e o frio rigoroso do inverno.” Ele arrancou um galho e me deu. Senti seu odor forte.

“As pétalas carmesim da flor de ameixeira brilham forte em contraste com a brancura da neve”, prosseguiu meu pai, apontando uma árvore coberta de flores magenta. “Essa capacidade de florescer em meio ao infortúnio é um sinal de dignidade e tolerância, em meio a circunstâncias duras.”

Em seguida, papai caminhou até um bosque de bambus. “Este é o terceiro amigo do inverno. O bambu é flexível: dobra com o vento, mas nunca quebra, pois é capaz de se adaptar a qualquer circunstância. É

um sinal de resiliência. Significa que somos capazes de nos recuperar dos momentos mais difíceis.”

Concordei, esticando o braço para apanhar um talo de bambu e curvando-o até as folhas fazerem cócegas no meu nariz. Papai sorriu e prosseguiu: “Os taoistas sabem que não há verão sem inverno, nem altos sem baixos, nem progresso sem decadência. Sua capacidade de prosperar depende, no fim, de sua atitude em relação às circunstâncias da vida. Quando você é como os três amigos do inverno, segue em frente aceitando tudo com graça, empregando sua energia quando se faz necessária, mas sempre com calma interior”. Ele me pediu para decorar esse e outros ditados do taoismo, e eu ficava orgulhosa de mim mesma quando podia recitá-los diante de nossas muitas visitas.

Dizia-se que papai de Xangai ficou totalmente grisalho antes dos trinta anos, o que seria uma confirmação de sua sabedoria. Houve um tempo em que eu achava que, tingindo de branco meus cabelos, me tornaria sábia como ele. Ele era um homem influente. Quando falava, cada frase soava como um presente valioso. Mas ele também tinha jeito para fazer as pessoas rirem, e não tinha medo de rir de si mesmo.

Papai de Xangai tinha uma fábrica de linha. Quando voltava para casa, à noite, entrava pelo portão da frente e gritava: “Querida, cheguei!”. Mamãe de Xangai vinha correndo com passos rápidos e leves. Eu gostava de esticar a cabeça pela varanda do segundo andar para espia-los se abraçando e beijando no pátio. Quando eles subiam as escadas, de mãos dadas, eu pulava em cima deles. Aquilo virou um jogo para eles: disputavam para ver quem me pegava primeiro. Nunca os vi, uma vez sequer, levantar a voz um para o outro ou para nós. Foi o casamento mais feliz que vi em minha vida.

Mamãe de Xangai era uma típica mãe chinesa, bonita, com sorriso de covinhas, olhos grandes e simpáticos e pele macia. Ela fazia cada visita, inclusive os próprios filhos, sentir que estar na casa dela era um enorme prazer. Eu adorava seu abraço carinhoso. Toda manhã, ela comprava três botões de jasmim na feira. O primeiro, ela pregava na roupa. Os outros dois, ela dava a mim e à minha irmã, que eu chamava de Jie Jie (“irmã mais velha”), para que sempre tivéssemos um perfume suave.

Enquanto meus irmãos mais velhos estavam na escola, eu passava as

tardes com mamãe na cozinha. Ela dizia que a boa comida deve agradar os cinco sentidos: visão, olfato, tato, paladar e amor. Eu me agarrava a suas pernas, em meio aos sons da comida sendo cortada, fervendo ou fritando, enquanto ela preparava os jantares tradicionais que comíamos toda noite: quatro tira-gostos, uma sopa e oito pratos principais. O meu favorito era carne de caranguejo com castanhas de ginkgo no molho de manga e hortelã.

Minha mãe amava muito os seis filhos, e, como eu era a caçula, naquela época ainda era pequena o bastante para ela me pegar no colo e me beijar. Ela me chamava de “pérola na mão”, expressão chinesa usada para se referir ao que há de mais delicado e valioso, algo que deve ser guardado por perto para nos proteger do mal. Foi ela quem me deu o apelido que o resto de minha família acabaria adotando: Ping-Ping, que quer dizer “maçazinha”. À noite, embora eu tivesse minha própria cama de dossel, ela me deixava adormecer num lado da enorme cama de pau-rosa dela e de papai.

Foi na biblioteca de casa que aprendi sozinha, muito cedo, a escrever a versão fonética do chinês, conhecida como pinyin. Foi ali também que papai de Xangai e o pai dele, meu avô, inculcaram em mim um gosto duradouro pelas ideias — que, segundo eles, precisavam ser bem tratadas, como os livros. Se eu deixasse um pergaminho no chão, eles perdoavam facilmente; eu era apenas uma criança. Mas colocá-lo de volta no lugar errado era uma falta grave.

Meus irmãos me chamavam de rato de biblioteca, mas eu não ficava lendo o tempo todo. Eu gostava da biblioteca também porque ela ficava na altura das árvores e eu podia olhar pela janela, entre as cortinas pesadas, bordadas com as cegonhas da paz, para entrever as andorinhas em nosso jardim, ao pôr do sol, em disparada de um lado para o outro. Eu guardava sementes de arroz para os passarinhos, meus bichinhos de estimação selvagens e dourados, e sonhava em criar asas para voar com eles entre as nuvens e ainda mais alto, até a Lua. Diziam que uma mulher de vestido longo e esvoaçante morava lá, e eu sonhava em visitá-la um dia.

Eu queria tanto voar que fiz esse desejo em meu aniversário de oito anos, em maio de 1966. Mamãe de Xangai me trouxe um bolo quadra-

do, enfeitado com glacê esverdeado e coberto com rosas de chantilly. Parecia nosso jardim! Soprei com força, mas duas velas não se apagaram.

“Você não vai realizar seu desejo”, zombou meu irmão número quatro, antes que minha mãe o mandasse ficar quieto e me dissesse para tentar de novo. Mas meu irmão tinha razão.

Quando me lembro dessa festa de aniversário, vejo nela a marca de uma infância perfeita. Era como parte dessa família, no acalento desses braços amorosos e intelectualmente inspiradores, que eu imaginava crescer. Não sei como eu teria suportado o que veio depois se, antes, eu não tivesse conhecido a beleza que surge da simples sensação de ser amada.

Naquela primavera, a chuva caiu a cântaros, levando consigo as lindas flores de nosso jardim e a tranquilidade de nosso bairro. Naquela época eu não sabia que a Revolução Cultural estava apenas começando, e ninguém em nossa família poderia prever que ela duraria por dez anos. A Revolução viria a ser o período mais negro da história chinesa moderna: 36 milhões de pessoas foram perseguidas, e três milhões foram mortas ou mutiladas. Mao estava consolidando seu jugo como líder da República Popular da China com uma versão do comunismo ultraesquerdista, anti-intelectual e proletária, alimentada por seu exército de jovens fanáticos — a Guarda Vermelha —, sobre o qual nem ele tinha controle sempre. Para ganhar poder, ele transformou o movimento estudantil da época numa campanha de alcance nacional. Mao exortou não apenas os jovens, mas também as massas de operários, camponeses e soldados a realizar a missão de reformar a China, livrando-a das corruptoras influências intelectuais e capitalistas.

Muitos jovens chineses daquela época se entusiasmaram com a possibilidade de adquirir influência política numa idade tão precoce. Com “Pequenos Livros Vermelhos” repletos de frases do presidente Mao nas mãos, batalhões de guardas vermelhos foram formados e começaram a ir de casa em casa, à procura de evidências de corrupção. As acusações contra seus adversários, frequentemente, pareciam risíveis a quem via de fora. No entanto, as punições que a Guarda Vermelha obtinha podiam ser extremamente cruéis.

Eu era jovem demais para entender as transformações políticas que estavam mudando nossas vidas, mas me lembro de ter notado coisas estranhas ocorrendo naquela época.

Primeiro, um alemão gentil que morava do outro lado da rua foi embora sem se despedir de nós, como se a chuva o tivesse levado. Eu gostava dele. Ele brincava de cavalinho comigo, um tempão, até perder o fôlego e me pôr no chão, resfolegando e murmurando: “Kaputt! Kaputt!”.

Depois que descobri que ele tinha ido embora, entrei em sua casa. Embora a porta não estivesse trancada, a mobília continuava intocada. Vi sua poltrona favorita, com as almofadas que denunciavam a posição em que ele gostava de se sentar. Era como observar o negativo de uma foto, a sombra de uma presença. Sem o som de sua pronúncia com forte sotaque alemão, sem o som de sua risada, tudo parecia de mentira.

Voltei para nossa casa e fui direto à procura de mamãe de Xangai. Perguntei a ela aonde tinha ido o alemão. Ela me disse que ele era um “demônio estrangeiro” e que eu devia apagá-lo de minha mente. O tom estranhamente áspero na voz dela me assustou tanto que eu nunca mais ousei tocar nesse assunto.

Certa tarde, não muito tempo depois, mamãe de Xangai chegou em casa com uma má notícia. Ela tinha perdido o cargo de líder do nosso bairro, por não estar inscrita no Partido Comunista. Do dia para a noite, fazer parte de uma família de comerciantes instruída e relativamente rica deixara de ser bem-visto.

Por toda a cidade, bandeiras comunistas tremulavam furiosamente. Panfletos de propaganda voavam pelas ruas como as folhas do outono, convocando todos a aderir à revolução. Cartazes com grandes ideogramas negros cobriam os muros de todas as propriedades nos arredores. Assustavam-me, em particular, aqueles com grossas linhas vermelhas sobre o nome de certas pessoas. Um dos meus irmãos me explicou que elas tinham sido identificadas como inimigas do estado. Histórias de vizinhos sendo torturados até a morte se tornaram frequentes. Os detalhes escabrosos me causavam tanto enjoo que eu tinha de tapar os ouvidos.

O simples fato de estudar passou a ser rotulado como “contrarrevo-

lucionário”. Naquela primavera em que Mao fechou todas as escolas da China, eu estava na primeira série. Todos, jovens e velhos, passaram a ter de acordar toda manhã e perfilar-se fora de casa para saudar uma foto do presidente Mao pendurada no final da rua. Dali, as crianças mais velhas seguiam para sessões de estudos, durante as quais recitavam frases do Pequeno Livro Vermelho de Mao. Eu ainda era muito pequena e ficava em casa.

Um dia, um frenesi percorreu o país quando Mao anunciou trens gratuitos e convidou milhões de chineses a viajar a Pequim para vê-lo discursar na Praça do Povo. Animados, meus irmãos se candidataram à viagem. Mas o exército de Mao estava investigando antecedentes que remontavam a três gerações antes de concederem a permissão. Se sua árvore genealógica fosse considerada “limpa” — o que significava que você descendia de três gerações de operários, camponeses ou soldados —, então lhe davam uma braçadeira vermelha, um uniforme militar verde-musgo, uma boina com uma estrela vermelha e o status de pertencer à Guarda Vermelha.

“Somos sujos”, reclamaram meus irmãos, na hora do jantar, quando fomos recusados.

“Está vendo? Bem que mamãe disse que você devia tomar banho todo dia”, brinquei. Mamãe de Xangai sempre corria atrás de meus enlameados irmãos na hora de dormir, tentando obrigá-los a se lavar.

“Não entendi”, disse meu terceiro irmão, balançando a cabeça.

“Bem, fico feliz por estarmos todos em casa e em segurança”, disse papai com firmeza, tentando nos persuadir a comer de novo. Deve ter sido uma das nossas últimas refeições em família.

O Partido Comunista promovia encontros na cidade inteira. Dias depois, os portões de ferro da nossa casa foram abertos e o jardim ficou lotado de gente. Papai de Xangai os conduziu ao salão principal, no térreo. Alguns eram nossos vizinhos, mas não reconheci a maioria das pessoas. De início, eu, meus irmãos e minha irmã achamos graça e corremos por ali como abelhas. Até que começou o falatório. Não acabava nunca. Tinha gente cochilando em nossos sofás ou encostada nas paredes.

Já estava cansada daquilo, até que papai de Xangai segurou o mi-

crofone e começou a falar. Não me lembro de suas palavras, mas sei que ele estava dizendo algo, com seu jeito sábio e cuidadoso, sobre ele mesmo e nossa família.

“Revisionista!”, gritou alguém da plateia, grosseiramente, para papai.

A sala silenciou. Papai de Xangai procurou até seus olhos se fixarem na pessoa que o contestara. Fiquei chocada quando papai agradeceu a ele, dizendo ser grato pela avaliação do homem. Na mesma hora mamãe me pegou e me levou para o quarto no andar de cima, dizendo-me que aquela conversa não era para meus pequenos ouvidos.

Guardas Vermelhos apareceram em nossa porta no dia seguinte, mandando meus irmãos seguirem com eles. Eles estavam sendo “enviados montanha acima ou interior abaixo”, expressão do comunismo chinês que logo se tornaria sinônimo de trabalhos forçados ou uma dose cavalgar de abuso físico e psicológico. Papai de Xangai foi preso. Só então — pela primeira vez — eu senti medo.

Jamais poderia imaginar que depois eles viriam atrás de mim.

Foi algum tempo depois, naquele verão. Eu estava sentada no chão da biblioteca de meu avô. Uma coluna de gavetinhas, como as que existem nos consultórios de medicina tradicional chinesa, ia do chão até o teto da parede de mogno da biblioteca. Nessas gavetas, numerados e meticulosamente empilhados, havia livros de gravuras, histórias ilustradas em tinta refinada, em longas e estreitas folhas de papel-arroz, protegidas por capas de seda. Papai de Xangai disse que eles eram especiais porque tinham sido desenhados a mão, e cada edição tinha um número pequeno de cópias. Eu sabia como abrir cuidadosamente as folhas sanfonadas, de modo a não estragar os livros. Adorava tocar as belas gravuras e passar o dedo indicador pelas densas pinceladas de tinta preta.

Do lado de fora, uma névoa espessa cobria as ruas de Xangai, algo frequente no verão. Eu estava folheando uma história sobre o rei Macaco, o célebre vigarista da mitologia chinesa que era capaz de voar milhares de quilômetros através das nuvens. Imaginei o rei Macaco saltando para fora da página e, com um sorriso maroto, me dando um pêssego roubado.

De repente, ouvi uma batida ecoando no jardim lá embaixo. Em seguida, o som das botas marchando em nossa casa, e então vozes na sala de visitas do térreo. Não demorou para que eu ouvisse gritos, e depois a voz de minha mãe, suave mas abalada. Só ela e eu estávamos em casa.

Joguei meu livro no chão e corri para a porta da biblioteca. O som da súplica de mamãe era quase abafado pelos gritos belicosos, pelo som de vidro estilhaçado e de móveis sendo quebrados.

“Cadê ela?”, perguntou um homem jovem. “Onde você a escondeu?”

“Ela... ela é tão pequena...”, murmurou minha mãe, rompendo em soluços.

Corri da biblioteca para o topo da escadaria e enfiei a cabeça entre os balaústres para ver o que estava acontecendo.

“Ela está no andar de cima!”, gritou um adolescente, apontando em minha direção para os outros verem.

Pensei: *eles querem me pegar!* Minhas pernas demoraram para responder. Minha mente estava em completo pânico enquanto eu tentava encontrar um esconderijo. Corri de volta para a biblioteca, o lugar mais seguro e acolhedor que eu conhecia.

Mas não havia escapatória. Os invasores subiram rapidamente as escadas — quatro meninos e uma menina, todos adolescentes, todos membros da Guarda Vermelha de Mao. Eles estavam usando uniformes verde-musgo grandes demais para eles, braçadeiras vermelhas e bonés verde-oliva bordados com uma estrela vermelha. Dois deles seguravam cigarros acesos entre os dedos. Eles me encurralaram em semicírculo num canto da biblioteca.

O rapaz que apontara para mim do andar de baixo foi o primeiro a falar. “Você não é moradora de Xangai, não pode viver aqui.” Ele deu um passo à frente para me puxar pelos ombros. “Venha, siga-nos”, disse-me ao pé do ouvido, tentando ser mais gentil. “Vamos levá-la a Nanjing. É a cidade onde sua residência está registrada, porque é onde você nasceu.”

Eu estava cada vez mais confusa. Ninguém nunca me dissera que eu tinha nascido em Nanjing. Eu tinha vivido naquela casa a vida inteira, não conhecia outro lar. Dei um passo para trás, e a guarda mulher me empurrou na direção da escrivaninha de mogno.

“Venha conosco neste minuto”, ordenou a moça, com o rosto ver-

melho de irritação, segurando meu braço direito com força. “Preciso lhe dizer isso”, ela disse, virando a cabeça na direção de mamãe, que seguira os guardas até o andar de cima. “Esta mulher não é sua mãe.”

“Não, não, não! Não é verdade!”, eu disse. “Ela *é* minha mamãe, ela *é* minha mamãe!” Dei pontapés e me contorci quando a moça me puxou mais uma vez, entregando-me a um dos rapazes.

Ergui a cabeça para observá-lo. Ele era bonito, alto como meu irmão mais velho. A estrela vermelha no boné dele estava ligeiramente torta e riscada. Na mesma hora, apelidei-o em silêncio de Estrela Torta.

Estrela Torta bateu a cinza do cigarro e grudou-o no canto direito da boca. Em seguida, me levantou com uma mão só, segurando rudemente as costas de minha camiseta pela gola, como os açougueiros seguram um frango abatido. Estiquei meus braços na direção de mamãe. Mas os outros três rapazes a empurravam para longe.

“Me soltem!”, eu disse, me debatendo. “Mamãe, me salve, me salve!”, gritei para ela, agitando os braços.

Estrela Torta me soltou no chão de madeira e deu outra tragada no cigarro. Cinzas caíram no chão. Uma faísca chamuscou meu tornozelo antes de se apagar. Então, ele segurou minha mão e me puxou biblioteca afora até o topo da escadaria. Ele dava passos longos, como uma girafa, obrigando-me a andar aos tropeços para não ser arrastada pelo chão.

“Não seja burra”, disse ele. “Sorte sua que eu vou te levar para sua verdadeira mãe.”

“Mas ela é minha verdadeira mãe”, respondi, apontando para mamãe, que agora estava na porta da biblioteca, a boca coberta por mãos que sufocavam seus gritos. “Por favor, me solte, me solte! Você está me machucando!”

“Cale a boca ou vai apanhar”, gritou, erguendo a palma enorme de sua mão. Dei-me conta, porém, de que cão que ladra não morde. Ele só estava tentando parecer durão na frente dos outros. Meus irmãos eram iguaizinhos. Desejei que estivessem em casa. Eles não teriam deixado ninguém me fazer mal.

“Ping-Ping, pare de lutar”, disse mamãe, erguendo a voz para interromper meu protesto. “Ele tem razão — eu não pari você. Você tem uma mãe em Nanjing, ela é sua verdadeira mãe.”